A CONSTRUÇÃO DO "SER MULHER" ATRAVÉS DE PRÁTICAS DE LEITURA: O COLÉGIO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

LEONICE DE LIMA MANÇUR LINS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA).

Resumo
Nesse trabalho objetivamos compreender como as alunas do Colégio Santíssimo Sacramento (C. SS. S) se apropriavam e utilizavam os saberes adquiridos através das práticas de leitura ocorridas nas reuniões da Congregação Mariana. Este estudo é parte de uma pesquisa maior, na qual procuramos perceber como a prática educativa do C.SS.S., colégio religioso e voltado para um público feminino, formatava nas suas alunas uma identidade de gênero perfeitamente alinhada com os papéis sociais historicamente destinados ao sexo feminino: dona–de–casa, esposa, mãe e professora primária. Aqui, daremos ênfase aos saberes transmitidos mediante as leituras realizadas e/ou sugeridas nos encontros mensais da Congregação Mariana, da qual grande parte das alunas do C.SS.S. fazia parte. Esta Congregação tinha "Maria" como exemplo feminino a ser seguido pelas alunas, estas deveriam ser as "Filhas de Maria" , sendo também exemplos de pureza, doação, caridade e bondade. Assim deveriam, por suas atitudes e práticas sociais, servir de modelo para a mocidade da sociedade local. Nesse sentido, a leitura e análise das atas das reuniões mensais da Congregação Mariana nos forneceu subsídios para compreendermos como as práticas de leituras e, consequentemente, os saberes selecionados e normatizados nesses encontros, imprimiram sua marca de "ser mulher" nessas alunas. O estudo mostrou que a identidade de gênero formatada através das práticas de leituras nas reuniões da referida Congregação estava em sintonia com um modelo de mulher da época: instruída, cristã, boa dona–de–casa e mãe de família.

Palavras-chave:
GÊNERO , LEITURA, EDUCAÇÃO.

A prática educativa escolar contribui para a naturalização e também para o aprendizado de atributos considerados tipicamente como femininos ou masculinos, ou seja, a rotina escolar é um dos lugares primordial no processo de construção da identidade de gênero. A escola é um dos lugares privilegiados onde meninas e meninos aprendem a desempenhar determinados papéis na sociedade, tendo em vista o seu sexo (LOURO 1994; 1995; 1996; 1997; 2000 e PASSOS 1993; 1995; 1999). O aprendizado dos modelos femininos e/ou masculinos, na escola, se dá de forma explícita – conteúdos dos livros didáticos; currículos; etc. – e de forma implícita, através da vivência do cotidiano escolar. Assim, no espaço escolar, meninas e meninos, mulheres e homens, são levados a enquadrarem-se dentro de modelos socialmente construídos, que definem seus princípios morais, seus valores, atitudes e comportamentos, enfim, sua postura na sociedade. No presente texto pretendemos analisar como as alunas do Colégio Santíssimo Sacramento (C. SS. S) se apropriavam e utilizavam os saberes adquiridos através das práticas de leitura ocorridas nas reuniões mensais da Congregação Mariana.

O C.SS.S. é uma instituição educacional fundada e dirigida pelas Missionárias do Santíssimo Sacramento e Maria Imaculada. Na época por nós estudada (1940-1960) o Colégio funcionava sob o regime de internato e externato para o sexo feminino[1], oriundo das camadas mais privilegiadas e tradicionais da sociedade alagoinhense e dos setores intermediários, como os profissionais liberais – estes comporiam aquela denominada "boa sociedade baiana e alagoinhense".

O Regimento Interno do Colégio Santíssimo Sacramento, em vigor na década de 1950, no seu artigo primeiro, deixava claro que a finalidade da educação por ele ministrado era *formar mulheres profundamente cristãs que cumpram dignamente seus deveres na família e na sociedade, dentro da sã moral e dos sublimes princípios da Santa Religião*[2] Sendo o Colégio orientado por uma Instituição Religiosa Católica a ênfase dada a uma educação permeada por valores religiosos não é de se estranhar. O ensino de orientação religiosa, na década de 1940 do século XX , ao contrário da instrução leiga, para uma parcela da sociedade brasileira, era a única capaz de não apenas instruir mas, e principalmente, de dar uma formação completa ao indivíduo, pois o mesmo se encarregava de veicular elementos de formação moral. Esse era também o pensamento, acreditamos, de uma grande parcela da população alagoinhense na época da criação do Colégio, uma vez que a instalação do mesmo se deu devido ao convite recebido do então prefeito da cidade, o Sr. Antonio Martins Jr., que representava os interesses dessa parte da população.

Desta forma, a prática educativa das Irmãs teria a tarefa de modelar as alunas conforme os preceitos e os valores morais católicos; formar jovens cultas, sociáveis mas, acima de tudo, cristãs católicas convictas, que difundissem, na família e na sociedade, os valores da Igreja Católica. A realização dessa proposta educacional se daria através dos ensinamentos passados pela grade de disciplinas do Colégio, pela qual as alunas recebiam instruções de caráter científico, e através das outras atividades desenvolvidas pela instituição, como as cerimônias festivas e religiosas. A proposta educacional do C.SS.S perpassava todas as atividades desenvolvidas, com vistas a criar hábitos e modelos a serem seguidos, desenvolver convicções, levar as alunas a interiorizarem a doutrina e os valores católicos e os

bons costumes, como forma de propagação dos mesmos, na família e na sociedade.

Como parte dessa proposta, foi criada em 08 de setembro de 1955 a Congregação Mariana Maria Imaculada e Santíssimo Sacramento, com a devida autorização do Sr. Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva. A instalação da Congregação contou com a presença da Superiora Geral das Irmãs, que estava em visita ao Brasil. Fazia parte dessa Congregação alunas do colégio que assim o desejassem, uma vez que a participação não era obrigatória. No entanto as alunas eram muito incentivadas, pelas Madres, a freqüentarem as reuniões. Essas eram mensais, quase sempre aos domingos pela manhã e ocorria nas dependências do Colégio. O objetivo básico dessa Congregação era ser "centro de irradiação de amor à nossa Mãe Santíssima".[3] No momento da instalação, 44 alunas receberam uma fita azul, que as identificavam como sendo "Filhas de Maria". A cada ano, novas associadas recebiam a fita, sempre no final do ano. Sendo "Filhas de Maria" essas jovens deviam, por suas atitudes, servir de exemplos para suas colegas, devendo "trabalhar com ardor, a fim de angariar novas associadas, intensificando e espalhando assim cada vez mais a devoção para com nossa Mãe do Céu...".[4] (Ata de 17 de abril de 1960).

Ocupava o cargo de Diretora da Congregação a mesma Madre que também dirigia o Colégio; havia ainda os cargos de presidente, secretária e tesoureira, estes ocupados por alunas-associadas eleitas por um período de três anos. A partir de 1957, a Congregação passou a contar também com um padre, que era o Diretor Espiritual. As reuniões seguiam quase sempre um roteiro comum: primeiramente havia a chamada, depois a leitura da ata da reunião anterior, um pensamento espiritual e os avisos. O pensamento espiritual era o "centro" das reuniões: feito pela Madre Diretora e/ou pelo Diretor espiritual, versava normalmente sobre as virtudes de Maria, os sacramentos da Igreja, a vida de santos, dentre outros. Por exemplo, no dia 25 de março de 1956, o pensamento espiritual do dia foi sobre as virtudes de Maria:

> "... De início foi feita a chamada e em seguida a Madre Diretora fez o pensamento espiritual aproveitando a festa da Anunciação, para mais uma vez ressaltar as virtudes da Virgem Santíssima, apontá-la como modelo e guia da juventude. Assim, primeiramente nos falou sobre a humildade e modéstia de Maria, a sua piedade, obediência e sobretudo a pureza do seu coração. Suscitou-nos a imitá-la, levarmos uma vida de oração pois esta é a porta do céu, o caminho seguro para a vida eterna. Para que a oração seja perfeita, disse-nos ela são necessários exercícios de piedade perfeitos como o terço, oração matinal, santas meditações, sacrifícios. Desta maneira seguiremos a Igreja em seus mandamentos e tendo Maria como modelo, viveremos abrigadas pelo seu manto celeste, resistindo ao mundo e suas tentações[...]."[5]

Como podemos perceber esta Ata reforça que as alunas eram incentivadas a ver em Maria o modelo feminino que deveria servir de exemplo na sua vivência cotidiana. Esse incentivo era constante em todas as reuniões, mesmo naquelas que versavam sobre outros assuntos. No mês de maio, essa devoção era mais reforçada: as alunas-associadas deviam participar das homenagens a Maria, diariamente. As orientações passadas nas reuniões induziam as alunas-associadas a colocarem em prática os ensinamentos da Igreja, a tomarem cuidado com as "*tentações terrenas*", como na reunião do dia 26 de agosto de 1956:

> "[...] De Maria salientou neste dia a pureza do seu coração, enaltecido por Cristo quando esteve no mundo apontando-a como exemplo e guia da mocidade. Falou-nos ainda da necessidade de combatermos os males da época, os grandes atentados a virtude e moral cristã; como o cinema, com a exibição de filmes inconvenientes, o rádio, **as más leituras**, etc. Para que levemos em meio de todos estes perigos uma vida cristã, necessário se torna que procuremos os meios de fortalecermos a nossa piedade e devoção. A comunhão freqüente, terço diário, assiduidade ao

> Santo Sacrifício da Missa são os meios indicados para tal [...].”[6] (grifos nossos)

Esse texto é rico de significados. O modelo feminino apresentado continua sendo Maria, “exemplo e guia da mocidade”, mas dele podemos depreender uma preocupação com o que era divulgado nos meios de comunicação, como o cinema, o rádio, e com as “más leituras”. As recomendações que o texto traz deixam claro o controle que o Colégio procurava exercer sobre o comportamento, atitudes, gostos das alunas, mesmo fora dos muros do Colégio. O cinema, o rádio, e as “más leituras” são apontados como “males da época”, como “perigos”; enquanto que a prática da religião católica e a oração diária são vistas como o meio para combater tais perigos.

O cinema, principalmente os filmes norte-americanos, segundo Bassanezi (2000)

> [...] seduziam os brasileiros e atraíam especialmente os jovens, como o American way of life e a crença no futuro e na modernidade. E não poucas garotas aprenderam a beijar, manifestar afeto e comportar-se mais informalmente vendo filmes americanos (p. 621).

Bassanezi (2000) ao referir-se às transformações e inovações culturais advindas do acelerado crescimento urbano brasileiro, nas primeiras décadas do século XX, afirma sobre o cinema:

> O cinema ... transcendeu e transformou costumes e hábitos herdados da tradição portuguesa... atuava nas mentalidades, ditava modas, alterava os costumes e transpunha as fronteiras do mundo provinciano, agindo sorrateiramente nas simbolizações e nas expectativas acerca dos papéis sexuais. Ao desvendar novos espaços femininos, também veiculava comportamentos que os segmentos conservadores da sociedade consideravam nocivos para a boa formação das moças, pois expunha modos de agir e pensar incompatíveis com uma sociedade que se queria o mais moralizada possível (p. 165).

Não podemos afirmar que os valores e os costumes que eram veiculados pelo cinema foram incorporados pelas alunas do C.SS.S., ou que os mesmos alteraram de forma significativa o modelo de “ser

feminino” até então cultivado e buscado. A nossa pesquisa demonstra que as alunas, atualmente, têm sua vida cotidiana moldada nos ensinamentos recebidos na época de estudantes, o que nos leva a considerar que o cinema pode tê-las levado a refletirem sobre os papéis de gênero, mas não fez com que as mesmas rompessem com o modelo feminino estabelecido, no qual tiveram suas identidades de gênero construídas.

Pelo que pudemos depreender do texto em análise, havia uma preocupação para que isso não acontecesse, as alunas do C.SS.S. deviam ler, ouvir e ver obras indicadas e aprovadas pelo Colégio que, com certeza, seriam aquelas também aprovadas por seus pais.

Como revela o texto em análise, as alunas do C.SS.S. estavam inseridas em um contexto histórico-social e, sendo assim, o Colégio pontuava os valores que deviam ser buscados por suas alunas a fim de que a “modernidade” e seus novos parâmetros de conduta não as fizessem desviar do que delas era esperado. O texto registra os “perigos” pelos quais as alunas da instituição, na sua vivência cotidiana, iriam encontrar, ao mesmo tempo em que aponta os caminhos a serem seguidos; a preocupação com a formação e o comportamento tidos como adequados para as alunas torna-se visível no texto.

Como as associadas eram alunas do Colégio, no período de recesso escolar não havia as reuniões. Assim, antes do período de férias havia a preocupação em alertá-las, para que não esquecessem seus deveres de “Filhas de Maria”, principalmente nos momentos de lazer e de divertimento. Na ata do dia 27 de novembro de 1956 consta:

> “[...]Sendo Maria Santíssima modelo da Associação devemos procurar imitá-la sendo humildes,

> pacientes, obedientes...Com a proximidade das férias disse que deveríamos evitar as ocasiões de pecar que nesta época se apresentam com maior freqüência, cultivando a piedade, **tendo boas leituras**, evitando a ociosidade [...]".[7] (grifos nossos)

A preocupação com as atitudes e o lazer das alunas-associadas fora dos muros do Colégio estava presente em inúmeras reuniões, uma vez que estas deviam ser "perfeitas jovens em meio a sociedade".[8]

O carnaval era um dos temas discutidos nas reuniões, quando as alunas eram orientadas a manterem-se afastadas dessa "festa profana", condenada pela Igreja. Na ata do dia 24 de novembro de 1957 temos: "[...] Advertiu-nos sobre os perigos do Carnaval, falando-nos da condenação desta festa pela Igreja, sendo portanto irrecomendável às Filhas de Maria...".[9]

Em 11 de outubro de 1959 o tema volta a ser abordado, como assinala a ata dessa reunião: "[...] a Diretora ainda chamou a atenção sobre as festas, modas e sobretudo o carnaval, condenado pela Igreja." O tema voltou a ser tratado na reunião do dia 20 de março de 1960:

> "[...] falou-nos também o Revdº Diretor sobre os perigos que a juventude pode fugir. Citou o exemplo da dança [...] fez um apelo veemente para abolirmos as danças, principalmente as pagãs como micareta e carnaval. Alertou sobre o cinema, recomendando a escolha dos filmes a assistir e dos livros. Aconselhou-nos cuidado com as modas e de modo particular a modéstia nos trajes com os quais freqüentamos a Igreja."[10]

O sacramento do matrimônio também era considerado assunto que devesse ser tratado nas reuniões. Exaltando os sacrifícios e a necessidade de abnegação por parte da mulher este tema foi abordado em 11 de setembro de 1960:

> "[...] A seguir, referiu-se ao matrimônio, este santo sacramento instituído por Deus, considerando-o na sua expressão mais real, pois ele apesar de ser belo e edificante, traz para aqueles que o abraçam, grandes sacrifícios. Assim sendo, aconselhou-nos desde já, escolhermos a vocação que haveremos de seguir, encarando-a com toda realidade, afim de que mais tarde, não soframos uma desilusão[...] **Neste caso, urge uma aproximação com Deus, a qual necessita vasto conhecimento da sua doutrina, o que se consegue através da boa leitura, da apreciação sobre a vida dos santos, pois sendo estes criaturas humanas como nós, sujeitos a tentações e pecados, nos oferecem práticas e imitáveis exemplos. Falou-nos ainda sobre os malefícios das leituras superficiais que leva a imaginação à irrealidades e ilusão, deixando-a vazia**[...]."[11] (grifos nossos)

Notamos nessa argumentação que o casamento é apresentado como "vocação", que requer doação, preparo moral e religioso, uma aproximação com Deus e o afastamento de toda e qualquer coisa que fizesse com que a jovem fosse tentada a se afastar do *bom caminho.* O casamento aparece como uma destinação *natural* da mulher (BASSANEZI, 2000); a identidade feminina era, assim, construída na amarra do biológico. Enfim, a aluna-associada deveria ser um exemplo não só para suas colegas como também para todo a comunidade alagoinhense. Para que isso ocorresse, como vimos, ensinamentos e orientações que, acreditamos, eram absorvidos pelas alunas-associadas, convencidas de que só assim estariam garantindo o seu "pedacinho no céu". A ata do dia 14 de agosto de 1960 é ilustrativa: "[...] Aconselhou-nos imitarmos Maria na sua obediência, a observância às leis de Deus para que um dia pudéssemos nos encontrar no céu de corpo e alma."[12]

As "leituras superficiais" e as "más leituras" estavam entre os possíveis disseminadores de costumes tidos como não convenientes

para uma "moça de família". Os perigos advindos desse tipo de leitura, pudemos notar, ocupava grande parte das reuniões da Congregação e era uma extensão do que defendia a Instituição escolar, que no seu Regimento Interno proibia as alunas de "trazer sem licença livros, romances, jornais, revistas, partituras musicais" para o interior do Colégio. As reuniões mensais da Congregação Mariana, e as práticas de leituras sugeridas e/ou realizadas, eram espaços privilegiados onde as Irmãs do C.SS.S. esculpiam os corpos e mentes das jovens participantes dentro da ideologia da Igreja Católica e dentro de um modelo de mulher tido como ideal na época por nós estudada: instruída, resguardada, boa dona de casa e mãe-de-família e professora primária.

Referências:

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In. DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 607-639.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In. DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. Lopes. **Nas redes do conceito de gênero.** In. LOPES, Marta Julia M. ett alli. **Gênero & Saúde**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996. p.07-51.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e realidade,** Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 101-132, jul./dez. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da historia da educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História,** São Paulo, n. 11, p. 31-46, nov. 1994.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e Platéias –** as representações de gênero na Faculdade de Filosofia. Salvador: NEIM/UFBA, 1999. (Coleção Bahianas 4)

PASSOS, Elizete Silva. **A educação das virgens: um estudo do cotidiano do colégio Nossa Senhora das Mercês.** Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1995.

PASSOS, Elizete Silva. **Mulheres moralmente fortes.** Salvador: Santa Helena, 1993.

[1] Durante o período estudado, o Colégio foi quase exclusivamente feminino. Apesar de visar especificamente esse segmento, devido à demanda na cidade de Alagoinhas, o Colégio acabou fazendo concessão ao sexo masculino no Curso Infantil e nas primeiras séries do Curso Primário – quando o garoto completava 7/8 anos ficava impossibilitado de continuar seus estudos no Colégio e era transferido. As últimas séries do Curso Primário, todo o Curso Ginasial e o Normal, assim como o internato, eram exclusivamente feminino, daí podermos afirmar que a proposta educacional do C.SS.S., nesse período, estava voltada para a formação do *ser feminino.*

[2] Regimento Interno do C.SS.S., em vigor nas décadas de 1950/60.

[3] Livro de Atas da Congregação Mariana, de setembro de 1955 a dezembro de 1960. Reunião do dia 08 de setembro de 1955.

[4] Livro de Atas da Congregação Mariana, de setembro de 1955 a dezembro de 1968. Reunião do dia 17 de abril de 1960.

[5] Ibidem.

[6] Livro de Atas da Congregação Mariana, de setembro de 1955 a dezembro de 1960.

[7] Ibidem.

[8] Livro de Atas da Congregação Mariana, de setembro de 1955 a dezembro de 1960. Reunião do dia 20 de agosto de 1957.

[9] Ibidem.

[10] Ibidem.

[11] Ibidem.

[12] Ibidem.